

A REALIDADE ESTÁ NO AR?

O programa Big Brother, recentemente veiculado pela rede Globo, pode funcionar como peça pedagógica para a compreensão de certas regras a respeito da representação da realidade na mídia.

Os participantes do programa estiveram submetidos a uma vigilância contínua da audiência. Isto tinha implicações na adoção de comportamentos por parte dos integrantes do jogo. Trata-se de um ingrediente gerador de opções comportamentais. Tal característica ficou evidenciada algumas vezes, por exemplo, quando a Vanessa não permitia que o seu namorado, Sérgio, ultrapassasse as carícias: nós e 180 milhões de brasileiros!

Todos os acontecimentos verificados no programa estavam comprometidos com a sua representação para a televisão. São eventos que têm na sua origem as potencialidades imagéticas asseguradas. Pode parecer estranha essa espécie de obsessão das lentes, mas muitos dos eventos gestados dentro de espaços privados estão, cada vez mais, sendo concebidos a partir dessa lógica.

Ela tem dois anos de idade e está vestida de Tiazinha. Sua mãe e outros parentes estão sempre ao lado para ajustar a máscara sobre o seu rosto e recordá-la de que o chicote deve ser ameaçador. Seu pai não se separa da filmadora e grita a cada minuto: Tiazinha olha pro papai!

Por trás das lentes, boa parte do grupo familiar bate palmas, mostra brinquedos, fazem tudo para atrair a atenção da Tiazinha. Os convidados se aliam ao esforço e começam a esboçar palhaçadas. A criançada quer avançar sobre doces e brinquedos, mas os adultos, de modo compreensivo, contêm seus filhos até que

sejam feitas as filmagens, as fotografias, enfim, as imagens.

A mesa do bolo é minuciosamente fotografada. Ali está o programa completo onde aparece a personagem Tiazinha. Em torno daquela mesa são ouvidas exclamações: é uma réplica perfeita! Mas em outro ambiente da casa há um cenário onde qualquer pessoa pode fantasiar-se de Tiazinha. Há perucas, chicotes e máscaras.

Em outras histórias estão presentes as filmadoras, máquinas fotográficas, equipamentos que asseguram as imagens. É comum contar com equipes de filmagens em casamentos, com artistas contratados em festas de quinze anos. Nessas ocasiões as atenções são voltados para as lentes. Também nas viagens as máquinas fotográficas e filmadoras são inseparáveis. Tudo pode ser convertido em imagem e todos os participantes sabem dessa regra geral e tentam adequar-se às exigências da fotogenia e telegenia.

Desse modo, os equipamentos não apenas registram imagens. A mera presença das lentes é suficiente para a construção de uma realidade apropriada, portanto, para a alteração da realidade. Um dos registros mais inequívocos desse aspecto é a análise feita por Umberto Eco a propósito do casamento do príncipe Charles com a princesa Diana. Obviamente, para aquele evento foram contratados profissionais capazes de incluir todos os detalhes no plano das imagens e dotá-las de critérios de harmonização, capazes de expressar a primavera televisiva. O aspecto mais curiosa coube ao tratamento dado ao esterco dos cavalos das carruagens que levavam os noivos à igreja. Foram ministradas pílulas para que o esterco não fugisse ao tom pastel, predominante em todo o cenário.

Se fizermos um esforço e recordarmos das situações nas quais estivemos diante das câmaras, se olharmos detidamente nossos álbuns de família, reconheceremos elementos relativos à produção que vão desde à seleção de poses, muitas vezes sugeridas pelos fotógrafos, quanto ao uso de objetos, ângulos de nossas casas, roupas, maquilagens. Não poderíamos dizer que aquele é o nosso jeito de ser habitual.

Tenta-se evidenciar aqui que o ato de mostrar é um ato de escolher, também um ato de esconder. E o que se mostra, pelo fato mesmo de ser mostrado, sofre alterações. No caso do Big Brother, o fato de serem acontecimentos monitorados, ininterruptamente, por lentes gera efeitos estruturais nas escolhas de atitudes e comportamentos dos jogadores. Desse modo, fica difícil fazer afirmativas sobre os integrantes do programa sem levar em conta a referida situação de monitoramento.

Especialmente as emissoras de televisão têm apostado na “exibição da realidade” em sua programação. Dentro desse campo de exploração, aspectos que constituem dramas sociais muito graves, com alto potencial emotivo, têm sido escolhidos. As situações de violência são um dos ingredientes constantes na representação da realidade.

Não há “prova maior” de que se trata *da própria realidade* quando o discurso é feito em primeira pessoa, isto é pelo próprio interessado. É bom lembrar, entretanto, que *o próprio interessado*, no caso, é a emissora, através do seu programa. O recurso à fala do outro não coloca as emissoras como sem interesse. Não se trata de um aparato tecnológico e com profissionais especializados a serviço de uma causa estranha.

É importante recordar que os casos mostrados nos programas são selecionados, portanto, atendem aos parâmetros editoriais, são produzidos de modo obedecerem a classificações prévias, em geral são conduzidos por âncoras que lhes imprimem ritmo, cortes e agrega elementos estranhos (falas, comerciais, música etc.). Também ali são reproduzidas hierarquias: a depender da pessoa que fala os cortes são mais ou menos frequentes. Na maioria das vezes os indivíduos são pobres. Para estes casos, a autoridade fica todo o tempo concentrada nas mãos do apresentador do programa e ao indivíduo portador do drama e a toda a audiência fica clara a regra de consentimento controlado.

Na sociedade atual, com a importância que tem adquirido os meios de comunicação e, além disso, o emprego, cada vez mais frequente, que esses meios fazem das ocorrências cotidianas como pretexto para a fabricação de produtos midiáticos, é muito importante que a audiência disponha de elementos para perceber os fatores de **construção** da realidade transmitida pela mídia. É bom recordar também que o fato de **estar no ar** não quer dizer fora do controle da emissão.